

CAMINHOS DE QUANDO E ALÉM, DE HELENA PARENTE CUNHA: O MISTICISMO COMO FILOSOFIA

Christina Ramalho

Universidade Federal de Sergipe

Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000, Brasil

(55) 79 2105-6600 | ramalhochris@hotmail.com

Resumo: No longo poema *Caminhos de quando e além*. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa (2007), da escritora baiana Helena Parente Cunha, o eu-lírico/narrador, partindo de "Eros e Psiquê" e "Na sombra do Monte Abiegnio" (poemas de Fernando Pessoa), se propõe a uma longa viagem, realizada em 48 metafóricas "estações", por meio da qual a experiência mística se revelará como fonte para a instauração de pressupostos filosóficos e teológicos que contribuirão para que o objetivo da viagem - a busca humana pelo sentido da vida espiritual - seja alcançado.

Palavras-chave: Poesia épica; Helena Parente Cunha; Brasil.

Abstract: In the long poem *Caminhos de quando e além*. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa (2007), by the Bahian writer Helena Parente Cunha, the I-lyrical/narrator, starting from "Eros e Psiquê" and "Na sombra do Monte Abiegnio" (poems by Fernando Pessoa), proposes a long journey through 48 metaphorical "stations", in which the mystical experience will be revealed as the source for the establishment of philosophical and theological assumptions that contribute to the purpose of the trip - the human search for the meaning of the spiritual life - is reached.

Keywords: Epic poetry; Helena Parente Cunha; Brazil.

Introdução

Caminhos de quando e além. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa (2007) chegou à minha rotina de leitora crítica de poesia trazendo um sabor simultaneamente novo e antigo. Novo, porque a obra era, na ocasião, a mais recente produção poética de Helena Parente Cunha, cujo talento literário é sempre admirável e induz a boas expectativas em relação a suas novidades. Antigo, porque eu me sentia tão familiarizada com sua sensibilidade poética que, em “Desejo de tulipas: e eu em expansão na poesia de Helena Parente Cunha”, cheguei a “apostar em investidas de alta densidade espiritual” (RAMALHO, 2007, p.120) em suas próximas produções.

Essa intuição, certamente contaminada pela quase inevitável presunção de quem se sente íntima do processo criativo de uma escritora, não estava, contudo, equivocada. Daí o duplo sabor, já que o encontro com sua nova poesia, de alta densidade espiritual, tanto me levava ao reencontro com as anteriores e à reafirmação de algumas imagens que os livros anteriores traziam como me convidava a vivenciar as naturais surpresas de toda criação literária.

Entretanto, logo de início, o que mais me chamou a atenção na nova obra foi sua estrutura, cuja divisão em partes, a possibilidade da leitura sequencial e interligada, o teor mítico e o heroísmo metonímico me reportaram imediatamente ao épico, o que me fez, no pós-fácio, escrever “Saudações épicas a Caminhos de quando e além” e apontar, na trajetória de Parente, o encontro com o texto longo, que, fundindo o histórico e o maravilhoso, elabora e desenvolve uma matéria épica, no caso, de natureza filosófica e espiritual.

Outro aspecto que me estimulou a diferentes reflexões sobre o “novo” trazido por Parente foi a natureza metalinguística e intertextual de Caminhos de quando e além, que se expressa ou se evidencia no subtítulo: “Diálogos com poemas de Fernando Pessoa” e se ratifica no texto introdutório “Antes de começar a caminhada”, assinado por Parente, e na citação dos dois poemas pessoanos “Eros e Psiquê” e “Na sombra do Monte Abiegnio”. Esses três recursos, constituindo o que chamo de “plano literário da obra”, possuem, todavia, natureza paradoxal, pois, simultaneamente, são generosas e escancaradas portas que Parente oferece à leitura de sua obra, mas também

criam uma cortina de fumaça em torno da apresentação de seus múltiplos sentidos.

Repleto de passagens simbólicas, o poema, aqui contemplado à luz da teoria épica do discurso (SILVA & RAMALHO, 2007), dos pressupostos mitocríticos de Campbell (2006), de aspectos semânticos dos poemas de Pessoa e de relações possíveis entre a obra de Parente Cunha, o quadro "As meninas" de Vélazquez, e visões do Foucault (1981) sobre esse mesmo quadro, revela-se uma criação simultaneamente metonímica e metafórica da trajetória humana pela vida e do momento epifânico em que as duas pontas, vida e morte, são atadas a partir da reflexão sobre o sentido espiritual do existir.

Neste texto, apresento com breves explicações sobre dois olhares dirigidos à obra: o que reconheceu as marcas do épico em *Caminhos de quando e além* e o que, penetrando no jogo de linguagem da obra, percebeu o emergir de uma estrutura de poder intimamente ligada ao controle exercido pela voz autoral no sentido de interditar, dificultar e facilitar a fruição do texto, elaborando um épico hermético, filosófico e simbólico, bastante condizente com a "fonte de inspiração" Fernando Pessoa, cuja obra *Mensagem* foi marco relevante para a compreensão dos novos rumos da épica universal.

1. O épico em *Caminhos de quando e além*

Composta por 48 "estações", a obra *Caminhos de quando e além* desenha uma trajetória compatível com a "viagem épica", uma vez que um "ele/ela", assumido pela primeira pessoa que chamo de "eu-lírico/narrador", revivifica, representando metonimicamente um anseio humano coletivo, o mito do uno cindido cujas metades se buscam. E nessa busca orientada por estações que revelam gradual evolução do estado de espírito do ser que trafega, define-se uma representação metonímica e alegórica da própria busca humana pelo sentido da vida espiritual.

No âmbito da feição épica, podemos tomar como

"proposição" o texto "Antes de começar a caminhada", em que Parente informa as origens, os porquês e a estrutura da obra. Ao colocar que "O diálogo se passa em um mundo do parecer em tensão com a busca intensa de um sentido mais

profundo do viver” (2007, p. 23), a autora nos faz relembrar o que Campbell definiu, em *Mitos de luz*, como uma das metas da espiritualidade oriental:

A meta das religiões no oriente é fazer que você mude seu foco de interesse, do fenômeno para o transcendente, para que se identifique não com a lâmpada, a cabeça, o corpo, mas com a consciência; e quando tiver feito isso, terá também se identificado com a existência solar, que Kant chamava de mundo numêmico, percebendo então, que você nunca nasceu e que nunca morrerá. O próximo estágio da experiência é o da não divisão entre consciência e unidade do indivíduo. Estes são apenas dois modos de visualizar o mesmo mistério. [...] Todos nós estamos vivenciando um só Karma, um caminho universal. Somos todos manifestações de algo grandioso (CAMPBELL, 2006, p. 40).

Essa busca também encontra espelho nos poemas de Pessoa, eleitos por Parente Cunha, como paradigmas que nortearam uma escritura que nasceu do caminho gerado durante a passagem pelas quarenta e oito estações: “O eu escrever neste breve instante que impõe do que não disponho?” (2007, p. 33).

Conforme ressaltai no posfácio desse livro de Parente Cunha, na necessária construção de uma palavra que ainda é silêncio e que revelará a arquitetura de um caminho espiritual, cujo fim é a descoberta de novos sentidos para a existência, o eu-lírico/narrador oscilará entre as atitudes tariki e jikiri, as quais recordo também com Campbell, quando reflete sobre os caminhos que levam ao nirvana:

Há duas alternativas. Uma delas é através da sua própria força. Em japonês, chama-se jiriki, ou “poder próprio”. A outra é por meio daquilo que os japoneses chamam de o “Caminho do Gatinho”: tariki, ou “ajuda externa”. Exatamente como um gatinho precisa de auxílio da mãe para pegá-lo pelo cangote e leva-lo a um local seguro, da mesma forma algumas almas precisam de um agente externo para leva-las além de si mesmas (CAMPBELL, 2006, p. 115-116).

No âmbito do caminho tariki, o eu-lírico/narrador, por meio de invocação simbólica, “estabelece o diálogo com um rei/mestre, criando uma virtual parceria de criação, em que a figura do rei situa uma hierarquia nesse processo de ‘criar a palavra’” (RAMALHO, 2013, p. 75). A figura mítica do “rei/mestre” se faz, portanto, ponte para a chegada a esse “além”, tão salientado no título da obra. Nesse sentido, conforme aponta Campbell: “Uma imagem mítica é uma

força exterior que nos ajuda. Por seu intermédio podemos alcançar a libertação das amarras da esfera mundana” (2006, p. 116).

Cada estação representa uma etapa de aquisição do conhecimento mítico que, simultaneamente, desconstrói as vivências mundanas e estabelece os enfrentamentos heroicos necessários para a chegada à estação final.

Ainda tens que cumprir teu prazo de sarjetas e bordéis
imundos,
de engodo dos que te mergulham mais no lamaçal da
iniquidade.

Acorda deste sono maldito, vassalo traidor,
és servo de um rei clemente que te quer de volta ao seu
séquito
e ao seu serviço.

Recupera o relampaguear de tuas medalhas, reforça tua
garganta
para os gritos de tua guerra.
O combate é só te para venceres réus inimigos,
não entendeste ainda, oh servo infiel?

És tu, somente tu o inimigo a combater
tu e tu de você em você nas camada superpostas de teu e
vosso eu
(PARENTE CUNHA, 2007, p. 51).

Esses enfrentamentos heroicos, contudo, ultrapassam o âmbito da individualidade quando, na “Estação 10” revela-se a sintonia da caminhada do eu-lírico/narrador com um percurso diacrônico que referencia o próprio percurso histórico da humanidade, caracterizado, no discurso do rei/mestre, como insuficiente para o sucesso de uma empreitada espiritual:

Já sabes o que tens a fazer, oh filha do desterro,
sabes, cavaleiro desterrado, mas não basta.
Não basta teres queimado a sola dos pés nas brasas
inquisitoriais,
não basta a corda no pescoço no patíbulo das
inconfidências,

não basta teres morrido de peste nos navios negreiros,
não basta o apedrejamento do adultério em praça pública.

Conheces o que conheceste neste turbilhão
de vidas e amores e martírios e apoteoses.
De depois até hoje, o teu tempo não parou,
mas vives na divisão de tanto ontem pelo tanto de nenhum
amanhã.

Quem é o Infante? Onde está a Princesa que ela foi?
Quem dorme? Quem caminha?

Tu mesma, oh mulher, tu mesmo, oh soldado,
Escolheste os rumos da traição e da devassidão
(PARENTE CUNHA, 2007, p. 65).

O verdadeiro desafio heroico aparece na estação seguinte: “Volta teu olhar para dentro de tuas grutas,/ para dentro das cremações e deixa-te queimar viva./ Vai, perdida, e recupera a palavra que poderá te salvar” (2007, p. 71). Trata-se da proposta da viagem em busca do autoconhecimento, ainda que o trajeto possa trazer experiências de enfrentamento e dor.

Retomo uma colocação do posfácio para concluir esta breve alusão à feição épica da obra e partir para outro aspecto analisado:

Caminhos de quando e além foi, portanto, para Helena Parente Cunha, a “hora” do canto largo, comprometido com a humanidade e a espiritualidade, um canto do qual o *epos* pluralíssimo de que se compõe a história humana reúne imagens míticas pagãs, cristãs, ocidentais e orientais, somadas a imagens históricas de contextos diversos (“És Lampião ou fostes Bonaparte?/ Um dia serás César ou vos chamareis Zumbi?/ És Laura. Beatriz ou eras Maria Bonita?/ Se fostes Dandara, como ser Quitéria ou Dona Leonor Teles?”) e reintegradas pelo exercício pleno da escritura épica, hoje força incontestável de afirmação da Arte frente ao aniquilamento cultural imposto pelas perversas práticas políticas e econômicas de um mercado nada humano (Apud PARENTE CUNHA, 2007, p. 186).

2. O plano literário da obra

A forma como Parente Cunha organizou sua obra, como se disse na introdução deste estudo, é paradoxal. À primeira vista, destaca-se uma generosidade metalinguística relevante, já que o subtítulo, o texto introdutório “Antes de começar a caminhada” e a citação dos poemas-fonte parecem conduzir a uma leitura relativamente confortável, ainda que o caráter mítico-simbólico dos poemas de Pessoa seja, por si só, um grande desafio pleno da fruição dessa intertextualidade declarada.

Entretanto, uma observação mais atenta desse arcabouço explícito logo provoca o desconforto. Foi o que senti. Após a satisfação do encontro com as três “pistas” oferecidas pela própria autora, algo começava a nublar o horizonte claro da primeira impressão. O texto metalinguístico “Antes de começar a caminhada” poderia ser um jogo? Não estaria tudo claro demais na obra de uma autora cuja inventividade, interditos, não-ditos e estratégias de jogo verbal são conhecidos? Haveria, por trás das palavras esclarecedoras e facilitadoras, um jogo de apagamento ou de velamento? De onde partir para ter essa resposta?

Curiosamente, também foram três as fontes que me surgiram como meio para buscar a solução para o desconforto. A primeira veio de outra marca da obra: a capa. Helena Parente Cunha havia comentado comigo o quanto havia gostado da solução criada por Vera Parente para a capa. E, ao começar a desconfiar de tantos traços explícitos, a imagem fragmentada e elíptica da capa me veio à mente como um traço não facilitador em oposição aos demais. A segunda surgiu da busca por fontes teóricas que me fez chegar a *As palavras e as coisas*, de Foucault. E a terceira, derivada da segunda, foi a pintura *Las meninas* (1656), do sevilhano Velázquez, comentada por Foucault naquele livro.

Munida dessas fontes, enveredei por considerações sobre o jogo implícito que Parente Cunha ofereceu com sua nova produção, cumprindo o que Campbell afirmou quando refletiu sobre a relação entre a arte e a vida: “Tal atitude, da arte aplicada ao jogo da vida, ou o próprio jogo da vida como forma de arte, é uma abordagem jovial, vigorosa e admirável da problemática da vida no mundo” (CAMPBELL, 2006, p. 109). Apesar, portanto, das três referências explícitas ao processo de intertextualidade que, em princípio, seria a força motriz da criação de *Caminhos de quando e além*, Parente Cunha, fazendo uso, consciente ou não, de uma estratégia de velamento e interdição, projetou, com

toda a sua produção anterior, um processo revisionista que saiu da linha existencialista que se percebe nitidamente na evolução de sua lira para uma abordagem espiritualista que, de certo modo, desconstruiu as certezas anteriores.

Em “Desejo de tulipas”, manifestei a visão desse percurso existencial, percebendo a gradual liberação do “eu”, concretizada, inclusive, na expansão da própria expressão verbal, que saiu da contenção (ou castração?) do verso curto, seco, contido dos primeiros poemas de *Moderna Poesia Bahiana* (1967), *Corpo no cerco* (1978) e *Maramar* (1980), para chegar aos versos mais longos de *Cantos e cantares* (2005). O trecho a seguir sintetiza a visão que tive do conjunto de sua produção:

A observação do caminhar poético que se inicia em *Corpo no cerco* (1978) e alcança *Cantos e cantares* (2005), respectivamente primeiro e mais recente em livros de poesias, permite encontrar um Eu-lírico integrado a um trajeto expansionista que transgride limites impostos pelo espaço, pelo tempo, pelo silêncio, pela palavra condicionada e pelas injunções sociais, fazendo, para isso, entre outros, uso da memória de modo a desconstruir instabilidades arcaicas. Assim, da poesia de Helena Parente Cunha, emergem signos de deslocamento e imobilidade, numa tensão antitética quebrada paulatinamente durante a própria evolução de seu fazer poético, que, liberto das injunções às quais são submetidos o ser/ente e a criação, alcança, gradativamente, a capacidade de se evoluir, perdendo a carnadura plástica (do corpo em frente ao muro) para ganhar a volatilidade musical (dos cantares espalhados por recantos plurais) do Ser (RAMALHO, 2007, p. 70-71).

O expansionismo do eu, na perspectiva existencialista, todavia, e segundo *Caminhos de quando e além* comprova, não daria conta de um novo autoquestionamento agora sustentado por uma dimensão espiritualista. Daí a necessidade de uma palavra nova que, contudo, não poderá ignorar a palavra antiga.

A retomada de sua própria obra, de certo modo, foi realizada por Parente Cunha em *Além de estar* (2000), uma vez que a natural seleção de textos que se faz em uma antologia não prescinde de um filtro que, certamente, passa por um crivo subjetivo já revelador de uma relação bem própria entre o criador e o criado. Todavia, *Caminhos de quando e além*, que significativamente também

faz uso do semema “além” no título, não explicitou essa retomada a não ser justamente pelo elo criado pelo termo “além, que também está presente em Moderna Poesia Bahiana (“além de após/ o mesmo aí”, 2000, p. 176); Corpo no cerco (“tensos verdes/ se contorcem/ além dos galhos/ em ânsia”, 1989, p. 70; “pra onde do espaço/ além de qual tempo/ atrás de que espera -/- o filho partiu/liberto do cerco?, 1989, p.101; e “além da linha/ circunscrita/ eu sei o espaço/ que me sabe”, *Ibidem*, p. 113); Maramar (“nos azuis de mais que azul/ meu estar-me além de estar”, 1980, p. 10; “e estas ânsias de lembrar/ de saber além das coisas”, 1980, p. 29; “dispo-me alma além do mar/ nem mais me visto de corpo”, 1980, p. 56; e situada/ além da busca/ o que encontro/ dessituo”, 1980, p. 90); O outro lado do dia (“Aquém e além/ da promessa dos cedrões fiéis, 1995, p. 28); Em tempo de fim de mundo (“Nos limites do chão/ e no ilimitado do além/ estaremos ressurgidos/ para o afinal começo/ de começar”, 2000, p. 193); e Cantos e cantares (“A mística geometria/ no claro-escuro da madeira/ crescia do canto da sala/ para além das paredes da casa”, 2005, p. 32; “O chão/ - mero acidente/ para fuga dos pés/ além do corpo”, 2005, p. 38; “Entre bits e bytes e megabytes/ depressa é depois de após/ o mesmo é além de até”, 2005, p. 75; e “Na conexão dos ponteiros/ o centro do mundo se irradia/ além da ilusão dos relógios/ e da contundência dos sinos”, 2005, p. 86). Exercendo, pois, o poder da palavra poética que vela e interdita quando quer, Parente Cunha apropriou-se de Fernando Pessoa e criou um caleidoscópio, que a imagem da capa bem representa, em que os fragmentos que se misturam no túnel místico das estações são muito menos Pessoa e muitos mais Helena.

Os últimos versos da primeira estrofe de “Eros e Psiquê”, “um Infante que viria/ De além do muro da estrada” (PARENTE CUNHA, 2007, p. 25) foi a primeira chave que encontrei para o jogo criado por Parente. O verso “além do muro da estrada” contém, ao mesmo tempo, uma síntese de toda a obra anterior de Helena, em que o “muro” é imagem emblemática do enfrentamento do “eu” em busca de “Ser”, e propõe o “além do muro da estrada” como o espaço a ser inaugurado pelo “Infante”, alegoria do herói instaurado pela nova forma que o eu-lírico (agora também narrador) assumiria em *Caminhos de quando e além*. Além disso, Eros e Psiquê, como ícones da impregnação da emotividade e da racionalidade nesse eu em oposição de novo questionamento, fundamentariam

muito bem, tanto pela imagem bipartida quanto pelos conteúdos que representam, o ponto de partida para a viagem a ser iniciada, assim como o ponto de chegada aparece expresso nos versos pessoais “E, vencendo estrada e muro,/ Chega onde em sono ela mora” (PARENTE CUNHA, 2007, p. 26).

De outro lado, “Na sombra do monte Abiegnio” projeta a viagem no campo da espiritualidade, estabelecendo o “Castelo” como um paradigma místico e mítico a ser alcançado pelo Ser que, de repente, se descobre na iminência de se desconstruir. Verdadeira trajetória iniciática, *Caminhos de quando e além* encontra em “Na sombra monte Abiegnio” a alegoria precisa para fundamentar a pulsão pelo deslocamento, cujos passos ou estações são feitos de palavras.

Sustentada, pois, pelo jogo da intertextualidade com os versos esotéricos de Pessoa, Parente, como fez Velázquez, monta um cenário metalinguístico que vela e revela constantemente os sentidos plurais do poema, gerando diversos centros, quando, aparentemente, tal como o rei e rainha quase escondidos no espelho discreto do quadro de Velázquez, seriam os poemas do Cancioneiro de Pessoa o tema da realização da obra de Helena: “Leitora assídua de Fernando Pessoa e fascinada pela sua obra, senti-me atraída pelo teor altamente simbólico do Cancioneiro e me pus a uma espécie de diálogo, interagindo com vários poemas” (2007, p. 23). Como analisou Foucault, Velázquez impôs a presença discreta do rei e da rainha como verdadeiros “centros” da criação, muito embora uma série contundente de outros elementos estivesse ali, a exigir a saída do foco:

O primeiro olhar lançado ao quadro nos ensinou de que é constituído esse espetáculo-de-olhares. São os soberanos. Adivinhamo-los já no olhar respeitoso da assistência, no espanto da criança e dos anões. Reconhecemo-los, no fundo do quadro, duas pequenas silhuetas que o espelho reflete. Em meio a todos esses rostos atentos, a todos esses corpos ornamentados, eles são a mais pálida, a mais irreal, e mais comprometida de todas as imagens; um movimento, um pouco de luz bastariam para fazê-los desvanecer-se (FOUCAULT, 1981, p. 29).

Vejamos uma reprodução do quadro de Velázquez¹, para melhor compreender a relação com o processo criativo de Parente em *Caminhos de quando e além*:

¹ Disponível em http://louge.obviomag.org/ponto_e_virgula/2012/04/as-mil-facetas-de-las-meninas-obra-de-velazquez.html. Consulta realizada em 10 de janeiro de 2015.



Helena Parente Cunha, como Velázquez, arma um cenário, uma estrutura, e direciona, por meio dos três recursos já descritos, a leitura para a visão dos poemas de Pessoa, como rei e rainha, como tema ou centro principal da criação. Contudo, também como Velázquez, a autora se insere na composição, assumindo a primeira pessoa do eu-lírico/narrador, e, em lugar da tela, apresenta o papel branco ávido pela palavra nova que só surgirá pelo desmantelamento da palavra antiga, que já não é a palavra-suporte de Pessoa, mas a palavra da própria poesia anterior de Parente Cunha, única fonte possível para o desmantelamento do Ser que, paradoxal e dolorosamente, havia passado por todo um périplo.

No fundo do quadro de Velázquez, o visitante, em posição de estar prestes a entrar em cena, alegoriza o próprio leitor que, desavisado, verá de imediato o rei e a rainha, ou os poemas de Pessoa, sem se dar conta das oito personagens

que, em lugar de meras contempladoras do “tema principal”, são também materialidades para a obra que se está criando e podem, muito bem, nesta comparação que estabeleço, serem alegorias da obra anterior de Parente.

Obra que marca os quarenta anos dos primeiros poemas de Moderna Poesia Bahiana, *Caminhos de quando e além* questionará o “além” dos caminhos até ali seguidos pela criação poética, propondo uma travessia metalinguística e intertextual que extrapola Pessoa na medida em que a observação do “quadro pintado” vai fazendo com que sejam notadas as presenças aparentemente coadjuvantes de toda a poesia anterior, produção que, conforme análise desenvolvida em “Desejo de tulipas”, permitiu o expansionismo do eu, que, agora, não se vê da mesma forma, porque intui o mistério do “além” do Ser e aprende a lição tão bem descrita por Foucault: “A nós, que nos acreditamos ligados a uma finitude que só a nós pertence e que nos abre, pelo conhecer, a verdade do mundo, não deveria ser lembrado que estamos presos ao dorso de um tigre (1981, p. 338)?

As quarenta e oito estações reforçam a projeção quadrangular da missão que se inaugura desafiadora (“Segue e propaga aos quatro ventos, às direções,/ aos quatros e quarenta e quatro e quatro cantos do globo”, 2007, p. 52), porque exigem que o eu-lírico/narrador, cumprindo as ordens do rei e reconhecendo sua onipresença, caminhe “...por dentro do teu manuscrito e verás que és tu/ de tu mesma,/ não te ouves?” (2007, p. 59) até que “Na folha em branco do livro,/ se grava o traço firme da ancestralidade na projeção da/ descendência./ Alfa e Ômega recomeçam o incessante começar/ que não tem fim começo nem fim” (2007, p. 177). Tal como Foucault registrou no capítulo “O homem e seus duplos”, de *As palavras e as coisas*, analisando as novas tarefas do pensamento moderno:

Uma tarefa se apresenta então ao pensamento: a de contestar a origem das coisas, mas de contestá-la para fundá-la, reencontrando o modo pelo qual se constitui a possibilidade do tempo – essa origem sem origem nem começo a partir da qual tudo pode nascer. Semelhante tarefa implica que seja posto em questão tudo o que pertence ao tempo, tudo o que nele se formou, tudo o que se aloja no seu elemento móvel, de maneira que apareça a brecha sem cronologia e sem história donde provém o tempo (FOUCAULT, 1981, p. 348).

Nesse sentido, *Caminhos de quando e além* (2007) reformata toda uma obra lírica, destituindo o poder revisionista do eixo existencialista para transferi-lo ao eixo espiritualista, comandado por seis “é preciso”: “escrever” (p. 31), “começar” (p. 27), “confiar” (p. 39), “despertar” (p. 63), “reconstruir” (p. 116) e “navegar” (p. 146).

O único modo, contudo, de tornar mais sólida a tese que apresento é, como sempre deve ser, dialogar com a própria poesia. O exercício de demonstrar o que o jogo de velamento e desvelamento, à moda de Velázquez, criado por Parente escondeu na “cortina de fumaça” da viagem vertical por sua própria obra transformaria este breve ensaio em um longo passeio pelo repertório múltiplo de interpenetrações de sentido entre *Caminhos de quando e além* e todas as obras anteriores. Para ser sintética, portanto, fico apenas com o primeiro poema, “Prólogo”, que, ao contrário do logos que estrutura “Antes de começar a caminhada”, será a verdadeira proposição do poema. Apresento alguns versos de “Prólogo” (em negrito) seguidos de versos dos outros livros², objetivando tornar visível, sem necessidade de explicitar com metalinguagem o que está explícito no próprio espelhamento proposto, essa trama dialógica que permeará todas as “estações” do percurso.

Agora é o começo

De qual começo é agora?

(CQA, p. 29)

Nos limites do chão
e no ilimitado de além
estaremos ressurgidos
para o afinal começo
de começar
(MPB, p. 193)

o mundo começa
na minha janela
(CC, p. 22)

² Usarei o seguinte código: MPB (*Moderna Poesia Bahiana*), CC (*Corpo no cerco*), M (*Maramar*), OLD (*O outro lado do dia*), AE (*Além de estar*), CeC (*Cantos e cantares*) e CQA (*Caminhos que quando e além*). Entre parênteses, o código e o número da página do respectivo livro.

O COMEÇO DO CAMINHO

Como entender
Que não posso entender?
(OLD, p. 86)

O universo acontecia
e começava ali
(C e C, p. 21)

Alguém me dirá
que a contagem regressiva
não é começo nem fim
(C e C, p. 68)

**As lembranças me assaltam, saltam deste lado para a
outra margem.**

**Desde quando se dissolvem ou se somam na sombra e
no susto**

**Sem meio nem contorno?
(CQA, p. 29)**

em não ser mais que a sombra
onde pouso
e repouso
da causa
de estar
(M, p. 53)

Mas tantas vezes
caio e recaio
num menos eu
menor que mim
à sombra do que eu fui

(C e C, p. 38)

**Não sei se vou ou se fico
nem sei se falo ou me calo,
mas pergunto a hora de erguer a cortina.**

**Os prazeres se aproximam, cercam os pêndulos do tempo.
Aqui era assim. Ali nunca se expressou.
Vergonhas e silêncios sem resposta nem pergunta.
Sequer.
Hora de erguer a cortina? Mais.
(CQA, p. 29)**

Ergo
a cortina de bambu
que se enrola
em planos impalpáveis
e vejo
esquivas sombras
resvalantes.
(OLD, p. 39)

Onde o registro
e as inscrições
e os pergaminhos
nunca acessados
nos monitores dos computadores?
(C e C, p. 68)

**Por esta rua e aquela viela me oriento, consultando a
escala do mapa.**

**Perigos não há se consigo relembrar a senha,
os sinais, as sinalizações indispensáveis para a rota
necessária.
Quem veio, se não cheguei a ir?**

(CQA, p. 30)

quem fui quando passei
aqui tão longe
de onde sou agora?
(MPB, p. 169)

em rumo de para-onde
resvalam extraviados caminhos
de geografia sem memória
mapas rasgados
(CC, p. 35)

A ilha que buscamos
(remos rotos
rota errada)

existe só em ficar
ao sem ugar
do mapa atrás
(M, p. 44)

nós nem sabemos perguntar
os para quês e os como quais
das altas ressonâncias
e do silêncio recolhido
(C e C, p. 64)

**Caminhos há para passantes e passageiros,
não importa se de longe ou de perto, estão aqui.
Sei da minha mochila e do bastão para ir.
O excesso pesa e trava a hora de decifrar enigmas.**

**As cortinas descidas
Ainda na oscilação pouca ou muita de ventos e ciclones.**

Sentar ao lado da pedra grande e beber a água da fonte.

(CQA, p. 30)

O meu enigma
- remotos ritos
de altares mudos

secretas formas
se insinuando
não se detêm

como caber
mistério tanto
a que mal posso?
(CC, p. 29)

Escrita
sagrada
que se lê não ler.

Sem
Eu quero.
(OLD, p. 53)

Certeza da convergência
e das conexões pressentidas

Incerteza da hora
no entanto
(C e C, p. 38)

E permaneço invisível
inscrita na minha bolha
minha profundez
sem tempo nem minuto
mistério meu que desconheço

e proclamo
(C e C, p. 87)

**Como descobrir o velado, sem erguer as pontes e as
pontas de pano e papel
Sobre os penhascos?**

Começar desde o começo qual.

**E caminhar, pois escrever é preciso.
(CQA, p. 31)**

donde
vindo

ando
senda

rondo
mundo

fundo
sondo

findo
ainda

indo
aonde
(CC, p. 80-1)

me desmemoro
e mole
não consisto
nem disto

da memória
de ilusórias pontes
(M, p. 68)

Uma ponte
uma pequena ponte
armada sobre duas arcadas.

Um ponte oscilante aos reflexos incertos
móvel nos verdes de verde verde.

.../...

Uma ponte
só
separa
o viajante apressado passo passando
do solene ser do imperial ficar.
(OLD, p. 28)

Não
eu não sei o caminho do chá.

.../...

Mas o silêncio
ah o silêncio
abafava-me os olhos.

O silêncio do caminho.
(OLD, p. 85)

No ritmo aceso do meu caminhar
quem me dirá
se a hora é de parar
ou prosseguir?
(C e C, p. 86)

Todas as “estações” da poesia de Parente Cunha levam, portanto, a um complexo e esteticamente bem elaborado ir e vir, que, todavia, compõe um percurso espiral, tal como bem representa a imagem da capa de *Caminhos de quando e além*, uma vez que é um ir e vir em movimento de expansão.

Apenas para ser fiel ao todo da obra lírica de Helena Parente Cunha, cito dois poemas mais recentes, extraídos, respectivamente, dos livros *Impregnações na floresta*. *Poemas amazônicos*, de 2013, e *Poemas para a Amiga e Outros Dizeres*, de 2014, este dedicado a Angélica Soares. Espero que apenas a presença dos textos citados seja suficiente, para, mais uma vez, reafirmar o sedutor jogo inter e intradialógico que a autora elabora

A partida tão antiga

A partida tão antiga
desejada e de amor cumprida
começou por começar

até hoje
eu me espreito todos os dias
debruçada no presságio
de poder ir sem voltar
de não chegar nem partir.
(2013, p. 35)

A amiga

Mesmo que a Amiga
não te esteja mais
ali
no teu com ela
a gente recorda a mão estendida
e se retoma
e continua o caminhar-se
(2013, p. 35)

Conclusão

A composição intra e interdiológica que confere unidade à obra lírica de Helena Parente Cunha, permitindo que o leitor observe, nas entrelinhas das metáforas e das recorrências temáticas, uma evolução que amadurece questões de natureza existencial e chega à dimensão espiritual da existência humana, mais que uma trajetória, por assim dizer, conceitual da própria vida, é um interessante exemplo do poder agregador da palavra. Palavra que, na produção lírica da autora, permanece todo o tempo atada à consciência da estética como meio de reflexão filosófica e também teológica, em seu ápice, uma vez que a visão de mundo implícita no conjunto da obra emerge de um “corpo no cerco” espraia-se pelas outras obras e transcende o tempo/espço de certo modo restrito da consciência dos limites do “eu” para alcançar a liberdade do existir além de si, uma vez que

Enquanto escreves, dormes, enquanto dormes, caminhas,
enquanto caminhas, vives e revives mortes e martírios,
idas e vindas de vidas idas esquecidas.

(“Estação 35”, 2007, p.138)

Caminhos de quando e além revela-se, no viés aqui percorrido, uma criação que integra metonímia e metáfora para conduzir, estação a estação, o leitor ao momento epifânico em que vida e morte se fundem a partir da reflexão sobre o sentido espiritual do existir. De sua própria obra (seu jiriki) e da arquitetura simbólica contida nos poemas de Pessoa escolhidos para a representação de um epos de valor universal (seu tariki), porque ligado ao mais presente questionamento filosófico humano (o “para onde vou”), Parente Cunha extrai a palavra que materializará a dimensão espiritual que a viagem pretende alcançar. A autora faz um jogo esteticamente consciente de revelação e velamento, que, por sua vez, é coerente com todo o arsenal mítico/místico que impregna e mesmo caracteriza esse tipo de viagem.

Finalizo deixando ao leitor a oferta da realização de um contraponto entre um trecho da “Estação 32” e uma colocação de Joseph Campbell:

Lança teu barco no movimento infinito das águas,
descola tua imagem da face fria do espelho
e ancora corpo e cara na margem terceiro do rio que não
tem fim
nem começar.

(PARENTE CUNHA, 2007, p. 132)

Há um importante texto budista, o Sutra Prajnaparamita, muito curto, conciso, com cerca de uma página e meia, e culmina em uma linha que resume todo o sentido do Budismo Mahayana. É assim: Aum gottam, Buddha-tam pariqatam, parasangatam. Bodhi! “Foi, foi, foi além para a outra margem, foi completamente para a outra margem, iluminação! ‘Aleluia’” (CAMPBELL, 2006, p. 145).

Bibliografia

- CAMPBELL, Joseph. Mitos de luz: metáforas orientais do eterno. São Paulo: Madras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tanuus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- PARENTE CUNHA, Helena. Poemas para a Amiga e Outros Dizeres. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2014.
- PARENTE CUNHA, Helena. Impregnações na floresta. Poemas amazônicos. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.
- PARENTE CUNHA, Helena. Caminhos de quando e além. Diálogo com poemas de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- PARENTE CUNHA, Helena. Cantos e cantares. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.
- PARENTE CUNHA, Helena. Além de estar. Antologia poética. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2000.
- PARENTE CUNHA, Helena. O outro lado do dia. Poemas de uma viagem ao Japão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- PARENTE CUNHA, Helena. Corpo no cerco. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- PARENTE CUNHA, Helena. Maramar. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1980.
- PESSOA, Fernando. Obra poética. Volume único. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.
- RAMALHO, Christina. Desejo de tulipas: o eu em expansão na poesia de Helena Parente Cunha. In: ____. Dois ensaios sobre poesia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 67-123.
- RAMALHO, Christina. Poemas épicos: estratégias de leitura. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.